

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

LUANA DA ROCHA MISSAGGIA

ARTESANATO, ESTÉTICA DO COTIDIANO E ACOLHIMENTO NUM ESPAÇO NÃO
ESCOLAR

Porto Alegre
2020

LUANA DA ROCHA MISSAGGIA

**ARTESANATO, ESTÉTICA DO COTIDIANO E ACOLHIMENTO NUM ESPAÇO
NÃO ESCOLAR**

Trabalho realizado como requisito para a conclusão do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais

Orientadora: Profa. Dr^a Paola Basso Mena Barreto Gomes Zordan

Porto Alegre

2020

LUANA DA ROCHA MISSAGGIA

**ARTESANATO, ESTÉTICA DO COTIDIANO E ACOLHIMENTO NUM ESPAÇO
NÃO ESCOLAR**

Trabalho realizado como requisito para a conclusão do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais

Orientadora: Profa. Dr^a Paola Basso Mena Barreto Gomes Zordan

Porto Alegre
2020

RESUMO

O fio condutor do presente trabalho é o “fazer artesanato” e procura discutir várias questões que surgem quando lançamos um olhar um pouco mais aprofundado e sensível para esse ofício, dentre elas a estética do cotidiano e os fazeres especiais, na concepção de Ivone Richter (2003), procurando relacionar tais questões ao ambiente de uma loja de artesanato onde são ministradas cursos que visam a ensinar algumas formas desse tipo de arte, tais como pintura em caixas de MDF e tecidos, decoupage, crochê, tricô e outros. Abordar essas questões envolve, necessariamente, refletir sobre as definições (ou indefinições) sobre os conceitos de cultura, estética, bem como sobre o que pode ser considerado de bom ou de mau gosto. Somente após libertarmos as amarras de certas visões e conceitos rígidos, que enquadram a arte ou a cultura num modelo predefinido, é que realmente conseguiremos lançar um olhar mais sensível e compreensivo para o artesanato e também para as pessoas que fazem dele um elemento importante do seu dia a dia. Refletir sobre essas questões nos permitiu ter uma nova visão sobre a arte, em um sentido amplo, bem como a arte do artesanato, especificamente, que é minha vivência diária na loja, ambiente que será descrito e retratado neste TCC, bem como os trabalhos que são produzidos nas oficinas.

Palavras-chave: Cultura. Estética do Cotidiano. Fazeres Especiais. Artesanato. Ensino não formal.

ABSTRACT

The guiding thread of this work is “making crafts”; it aims to discuss issues that arise when we take a more in-depth and sensitive look at this occupation – such as the aesthetics of daily life and the concept of “making special”, according to Ivone Richter (2003). Thereby, we seek to relate the points above to the environment of handicraft shop, where there are courses that pursue to teach some styles of this art, such as painting in boxes and fabrics, decoupage, crochet, knitting and others. At studying this art, we end up reflecting on definitions (or indefinitions) about the concepts of culture, aesthetics, as well as what can be considered good or bad taste. Some concepts, or rigid visions, can stuck your view in a limited model of seeing the art/culture; once released, you have the opportunity of taking a more sensitive and understanding look at handicrafts and the crafters. When we start to reflect about these issues, it allows us to have a novel vision of art, in a broad sense, and also of handicrafts, which is specifically my daily experience in the store, which is a place that provides an environment that will be described and portrayed in this work, as well as the crafts that are created in the workshops.

Keywords: Culture. Aesthetics of daily life. Making Special. Handicraft. Non-formal Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1: Aula de découpage em MDF	213
Fotografia 2: Aula de découpage em MDF e latas	22
Fotografia 3: Caixa de MDF com découpage de flores, renda, pérolas e alças de metal	22
Fotografia 4: Joana costurando uma coruja	24
Fotografia 5: Pintura do rosto	26
Fotografia 6: Estudo dos rostos.....	26
Fotografia 7: Boneca Belinda	29
Fotografia 8: Dona Geneci	30
Fotografia 9: Pássaros	29
Fotografia 10: Pássaros 2	29
Fotografia 11: Márcia na aula de pintura para o Natal.....	30
Fotografia 12: Árvore de Natal finalizada	31
Fotografia 13: Sandra aprendendo a pintar rosas	32
Fotografia 14: Blusão infantil em tricô	33
Fotografia 15: Aula de tricô.....	34
Fotografia 16: Aula de tricô 2.....	34
Fotografia 17: Manta de tricô.....	35
Fotografia 18: Barras laranjas para toalhas em crochê.....	36
Fotografia 19: Cátia produzindo flor em crochê.....	36
Fotografia 20: Meninas na aula	37
Fotografia 21: Tela pintada com tinta a óleo.....	40
Fotografia 22: Porta joias em MDF estilo rústica.....	41
Fotografia 23: Porta joias em MDF com aplicação de flores	42
Fotografia 24: Tapete para saída de cama em crochê	43
Fotografia 25: Conjunto azul para banheiro em crochê.....	44
Fotografia 26: Conjunto salmão para banheiro em crochê.....	45
Fotografia 27: Capa para almofada em crochê	45
Fotografia 28: Tapete azul em crochê	46
Fotografia 29: Toalha de mesa em crochê	50

Fotografia 30: Tapete oval em crochê	49
Fotografia 31: Enfeites em feltro para árvore de natal	51
Fotografia 32: Boneca de pano	52
Fotografia 33: Cadeira reformada	53
Fotografia 34: Conjunto de banheiro cru em crochê	55
Fotografia 35: Conjunto de banheiro preto em crochê	56
Fotografia 36: Conjunto de banheiro azul e branco em crochê	59
Fotografia 37: Conjunto de banheiro rosa em crochê	59
Fotografia 38: Conjunto de banheiro bege em crochê	61
Fotografia 39: Toalha com aplicação de flores de crochê e pintura.....	61
Fotografia 40: Macacão de bebe em crochê	62
Fotografia 41: Bolsa de crochê.....	63
Fotografia 42: Guirlanda de páscoa	65
Fotografia 43: Boneca de pano	66
Fotografia 44: Carrinho de feltro.....	69
Fotografia 45: Caminhão de madeira	69
Fotografia 46: Cadeirinha de madeira porta cuia	70
Fotografia 47: Bonecos de feltro	69
Fotografia 48: Manta de pescoço em crochê	71
Fotografia 49: Gorro de bolinhas em crochê	72
Fotografia 50: Cachorrinha com roupa de crochê	73
Fotografia 51: Gorro de lã em crochê.....	74
Fotografia 52: Manta de sofá em crochê	75
Fotografia 53: Casaco colorido em crochê	76
Fotografia 54: Conjunto de praia em crochê	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CULTURA E ELITISMO CULTURAL	10
2 ARTESANATO: SEM PRECONCEITOS, SEM LIMITES	16
2.1 FAZERES ESPECIAIS.....	18
2.2 ESTÉTICA DO COTIDIANO	20
3 A LOJA: UMA IDEIA NA CABEÇA E UMA AGULHA NA MÃO	19
3.1 PRÁTICAS E OFICINAS.....	20
3.1.1 Découpage.....	20
3.1.2 Feltro	23
3.1.3 Bonecas de pano	24
3.1.4 Pintura em tecido	27
3.1.5 Tricô	32
3.1.6 Crochê.....	35
3.2 CONVERSAS COM ARTESÃOS.....	37
3.2.1 Beatriz Rocha.....	38
3.2.2 Ademir Longaray	42
3.2.3 Alessandra Bassan.....	47
3.2.4 Berenice Trindade	50
3.2.5 Dilma Tulikowski.....	54
3.2.6 Cláudia Hanauer	58
3.2.7 Maria de Lurdes Ávila.....	60
3.2.8 Milene Franco	64
3.2.9 Sara Anahy.....	70
3.3 IMPRESSÕES	78
CONCLUSÃO	82
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Logo depois de ter completado a grade curricular do curso de Artes Visuais, e antes de apresentar o TCC, eu abri uma loja para venda de produtos para artesanato, junto com minha mãe. Em seguida começamos a ministrar cursos de artesanato, inicialmente de pintura em caixas de madeira e, posteriormente ampliando para cursos de tricô, crochê, pintura em tecido e outros. Quando chegou o momento de começar a fazer o TCC, o tema não poderia ser outro a não ser falar da loja, dos cursos, das alunas, da minha vivência nesse ambiente onde se respira artesanato.

Assim, e tomando por base, principalmente, o trabalho e os conceitos desenvolvidos por Ivone Richter em seu livro “Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das Artes Visuais”, procurei contextualizar esses conceitos no ambiente e no dia-a-dia da loja, nos cursos que ministramos, no contato com os clientes, procurando trazer à discussão suas motivações e objetivos para fazerem artesanato, além da ligação desses produtos com suas vidas cotidianas.

Para tanto, tive que enxergar minha loja com outros olhos: não só como um ambiente onde são vendidos produtos para fazer artesanato. Embora lá sejam ministrados cursos de artesanato, isso sempre teve como objetivo estimular as clientes a comprarem os produtos da loja. Nunca havia pensado na loja como um ambiente onde se ensina artes visuais e onde essas questões de estética feminina do cotidiano e fazeres especiais pudessem estar inseridos. Inicialmente entendi a proposta de Ivone Richter como algo no sentido de mudar o modo como se ensina e se enxerga as artes visuais nas escolas e nas Universidades. No entanto, avançando nas pesquisas percebi que, muito embora o ambiente da loja não seja um espaço formal de ensino, ele se aproxima do que Gohn (2001) conceitua como “espaço não formal de educação”, o qual, segundo a autora:

[...] apresenta processos educativos que ocorrem fora das escolas, em situações organizacionais da sociedade civil, ações coletivas referentes ao terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não governamentais e entidades sem fins lucrativos da área social e ainda projetos comunitários e sociais, através de parcerias das escolas com a comunidade educativa, através dos conselhos (criança, adolescente, juventude, etc) e colegiada.

Libéria Rodrigues Neves, Bianca Xavier Lemes e Nathália Elisa Bruno de Campos no artigo “Arte-Educação em Espaços Não Escolares – A formação e a

atuação dos arte-educadores” (2014, p. 74) trazem uma caracterização desse tipo de espaço que se aproxima mais da ideia de “estética do cotidiano”, a partir do que Almerindo Afonso define como “educação informal”:

[...] a educação informal seria aquela que abrange todas as possibilidades educativas, no decurso da vida do indivíduo construindo um processo permanente e não organizado (Afonso, 1992: 86), podendo ser representada de modo principal, mas não exclusivo, pelos processos educativos cotidianos ocorridos no seio da família, bem como no meio social difuso ou organizado (igrejas, espaços de lazer e cultura, movimentos sociais) e nos meios de comunicação em massa.

A partir das leituras sugeridas fui refletindo melhor sobre questões que, embora percebesse, nunca mereceram de minha parte uma reflexão mais profunda, nem no dia a dia das oficinas promovidas na loja, e muito menos na vida ao redor, tais como o preconceito com a “arte das ruas”, principalmente a das mulheres, como aponta Ana Mae, e outras, trazidas ao debate por Ivone Richter no livro “Interculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais” (RICHTER, 2003, p. 10).

Nessa linha, o presente trabalho pretende, a partir dessa experiência com o “ensinar artesanato” na loja, refletir sobre essas questões que as autoras acima citadas (e outras) debatem.

Assim, no primeiro capítulo é feita uma abordagem sobre a transformação do conceito de cultura, apontando que ainda persiste sobre o tema uma visão elitista, etnocentrista e até preconceituosa, perceptível muitas vezes quando se tenta definir o que é considerado belo ou de bom gosto.

No segundo capítulo é feita uma reflexão sobre essa questão do preconceito especificamente contra o artesanato, em que se procura apontar a origem histórica desse preconceito, bem como, por estarem relacionadas, algumas considerações sobre os “fazeres especiais” e a “estética do cotidiano” baseadas na concepção de Ivone Richter.

No terceiro capítulo, falamos de minha loja de artesanato, do seu ambiente, o que é feito e ensinado nas oficinas, da relação com as clientes e alunas. Também fizemos considerações, a partir de uma entrevista feita com alguns clientes, a respeito de sua relação com o artesanato, suas motivações e objetivos.

1 CULTURA E ELITISMO CULTURAL

*Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto o mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
(...)
Afasto o que não conheço*

Caetano Veloso, 1978

Em sua Carta-prefácio ao livro “Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais” de Ivone Richter (2003, p. 10), Ana Mae saúda a autora por reconhecer os “fazeres especiais” das mulheres, “dando-lhes um lugar no currículo dos filhos e filhas dessas mulheres” e afirmando que, com isso, Richter “des-hierarquiza a cultura” e coloca o estudo da arte sob uma ótica mais abrangente do ponto de vista social, político e histórico.

Na sequência, Mae toca na ferida do elitismo cultural que não questiona nem confronta o código hegemônico europeu e norte-americano branco e que vê com muitas reservas estudos de gênero, de classe, de cultura visual e de arte popular.

Ivone Richter (2003, p. 24), por sua vez, assim aborda tal questão:

Trabalhar com a estética do cotidiano no ensino das artes visuais supõe ampliar o conceito de arte, de um sentido mais restrito e excludente, para um sentido mais amplo, de experiência estética. Somente desta forma é possível combater os conceitos de arte oriundos da visão das artes visuais como ‘belas artes’, ‘arte erudita’ ou ‘arte maior’, em contraposição à ideia de ‘artes menores’ ou ‘artes populares’. A própria denominação de folclore e artesanato já vem carregada de preconceito. O termo ‘folclore’ foi utilizado para representar a arte ‘do outro’, daquele que não tinha acesso às camadas mais eruditas da sociedade; e o termo **artesanato tem sido vinculado à ideia da reprodução sem criação, ou sem uma maior perfeição técnica.**

Alinho-me com essa ideia de que existe no Brasil esse elitismo cultural, não só nas Artes Visuais, mas em todo e qualquer tipo de arte. Para ficar apenas em um exemplo, basta notar como as pessoas, para transmitirem a imagem de que têm “bom gosto” musical, costumam utilizar uma fala que praticamente já virou um bordão: “não gosto de *funk* nem de sertanejo”.

No entanto, até me deparar com os escritos de Mae e Richter, nunca tinha me atentado para minha própria visão preconceituosa em relação à arte. Embora particularmente sempre tenha condenado esse policiamento que busca diferenciar o que é de bom ou mau gosto, eu mesma sempre tive também essa noção de arte como sendo aquela dos grandes artistas, das grandes obras, expostas em galerias e que são consagradas mundialmente e entram para a História.

Assim, embora essas questões – elitismo e preconceito – não sejam o foco desse trabalho, elas serão recorrentemente abordadas, pois não há como falar de arte do cotidiano ou multiculturalidade, revisar e alargar os conceitos de arte e de cultura sem que se fale dos fatores que impedem esse olhar mais abrangente.

Ivone Richter (2003, p. 16-17), ao discorrer sobre o conceito de cultura, aponta que essa visão elitista surge a partir do início do século passado, quando cultura passa a ser o modelo da civilização ocidental. Segundo a autora, a noção de cultura, do ponto de vista antropológico, em um conceito já clássico do século XIX, é vista como

[...] civilização, como um todo complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, leis, tecnologia, costumes, parentesco, religião, magia, e muitas outras capacidades e habilidades adquiridas pelos seres humanos enquanto membros da sociedade.

A partir do início do século passado, no entanto, o conceito de civilização começa a se alterar, transmutando-se daquele todo complexo para um conceito, pode-se assim dizer, elitista, ou seja, civilização seria a sociedade ocidental, o modelo a ser atingido e seguido pelas ditas sociedade “não-civilizadas”. A autora ainda relata que essa visão elitista foi evoluindo, digamos assim, passando a abarcar outras sociedades, diferentes do modelo europeu:

Esta visão etnocêntrica, no entanto, foi sendo revisada, e passou-se a considerar que sociedades diferentes da sociedade ocidental, antes consideradas “primitivas ou exóticas, também possuíam uma lógica interna, com outras formas de representação, outras idealidades, outras formas de vida social, e que muitas vezes “souberam resolver melhor que nós certas contradições e dificuldades da organização da família, da educação, da sexualidade, da vida econômica e da vida simbólica em geral” (Carvalho, 1989:20). Ao olhar para outras culturas, também o/a observador/a altera e renova sua própria visão do mundo e das coisas.

Atualmente, segundo Richter (2003, p. 16-17), a cultura vem sendo entendida como um código simbólico, que possui dinâmica e coerência internas, “trazendo dentro de si as contradições existentes ao nível da sociedade propriamente dita” (VELHO; CASTRO apud RICHTER, 2003, p. 16).

Marilena Chauí também compartilha da ideia do abandono dessa visão elitista, falando mais especificamente sobre juízos de gosto na apreciação de obras de arte:

Desde o início do século XX, todavia, abandona-se a ideia de juízo de gosto como critério de apreciação e avaliação das obras de arte. De fato, as artes deixaram de ser pensadas exclusivamente do ponto de vista da produção da beleza para serem vistas sob outras perspectivas, tais como expressão de

emoções e desejos, interpretação e crítica da realidade social, atividade criadora de procedimentos inéditos para a invenção de objetos artísticos, etc. (CHAUI, 2012).

Embora, como afirmam as autoras acima, essa visão etnocêntrica e elitista foi sendo revisada, isso não significa dizer que ela foi totalmente extirpada. Walter Praxedes, em seu ensaio “Eurocentrismo e racismo nos clássicos da filosofia e nas ciências sociais”, aponta como um dos motivos o fato de que essa visão do séc. XIX, presente em diversos autores clássicos, é minimizada por estudiosos contemporâneos:

Realizar uma pesquisa para encontrar aspectos eurocêtricos e racistas nas obras dos mais reconhecidos pensadores considerados clássicos chega a ser uma tarefa simples. O problema é que geralmente esta não é uma preocupação dos estudiosos e dos professores universitários. Em consequência, nos cursos de licenciatura e de bacharelado para a formação de novos professores e pesquisadores, os acadêmicos passam anos estudando os autores para aprender a contribuição original de cada um para o conhecimento “universal”, **atribuindo possíveis deslizes etnocêtricos como próprios do contexto intelectual de produção das obras.** (PRAXEDES, 2010, p. 01, grifo nosso).

Praxedes cita, em seu artigo, diversos exemplos de visões etnocentristas e racistas retiradas aleatoriamente de textos europeus considerados clássicos e, ao final, propõe o seguinte questionamento:

[...] podemos nos interrogar porque muitos autores e professores das disciplinas de ciências humanas estudam os seus pensadores favoritos colocando em último plano ou simplesmente deixando de abordar os conteúdos políticos colonialistas dos seus textos. Para usarmos as palavras de Edward Said, “os filósofos podem conduzir suas discussões sobre Locke, Hume e o empirismo sem jamais levar em consideração o fato de que há uma conexão explícita, nesses escritores clássicos, entre suas doutrinas “filosóficas” e a teoria racial, as justificações da escravidão e a defesa da exploração colonial” (SAID, 1990: pág. 25). Ainda, segundo o mesmo autor, “muitos humanistas de profissão são, em virtude disso, incapazes de estabelecer a conexão entre, de um lado, a longa e sórdida crueldade de práticas como a escravidão, a opressão racial e colonialista, o domínio imperial e, de outro, a poesia, a ficção e a filosofia da sociedade que adota tais práticas” (SAID, 1995: pág. 14). (PRAXEDES, 2010, p. 04).

Sem desmerecer toda contribuição da cultura europeia para a humanidade, afirmando que “não devemos ignorar os códigos culturais, experiências e linguagens de origem europeia, como as ciências, artes e religiões”, Praxedes assim conclui:

Todas as expressões ignorantes e depreciativas sobre os povos e culturas não-europeias citadas acima, de autoria de alguns dos maiores expoentes das ciências sociais e da filosofia ocidentais, permitem concluirmos, acompanhando a reflexão de Boaventura de Sousa Santos, que “a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante [...], e que a compreensão do mundo excede em muito a compreensão ocidental do mundo” (SOUSA SANTOS, 2004: pág. 778-779). Decorre desta argumentação a necessidade de abrirmos os centros de produção de conhecimento em todo o mundo, mas principalmente os situados nos países que sofrem com a hegemonia política, econômica e cultural dos centros dominantes do capitalismo, para a identificação e a construção de saberes mais apropriados sobre as diferenças entre as culturas e grupos humanos e sobre as suas diferentes necessidades materiais e simbólicas. (PRAXEDES, 2010, p. 04).

No que diz respeito à questão de juízo de gosto, de que fala Marilena Chauí, também não parece algo totalmente resolvido, pelo menos no cotidiano, onde se percebe, com muita clareza, sinais de um certo elitismo, de uma tendência de se diferenciar obras de arte entre as de bom e as de mau gosto. Isso é muito comum nas nossas relações cotidianas, onde muitas vezes depreciamos determinadas músicas ouvidas por parentes ou amigos.

Mas não só no cotidiano. No meio acadêmico, como se pode ver na entrevista abaixo dada ao Portal da UFMG por Verlaine Freitas, em resposta justamente a essa questão:

Como os filósofos discutem a questão do bom e do mau gosto? Gosto varia de acordo com a época, com o ambiente social etc.?

Ao longo do tempo essa questão guiou-se pela questão da objetividade ou subjetividade do gosto. Kant centrou muito de sua análise estética na questão do gosto – e pautou muito do que a gente ainda discute hoje em dia. O gosto tem o aspecto da individualidade, da particularidade, sendo assim relativo, como possui uma dimensão mais objetiva, universalizada. **É difícil que alguém, mesmo que goste de funk, diga que essa música é de mais bom gosto que uma sinfonia de Beethoven. De um ponto de vista crítico, podemos dizer que uma música que exprime uma sexualidade de forma “escrachada”, usando vários palavrões seguidos, empregando sonoridades visivelmente debochadas etc. é percebida claramente pelas próprias pessoas que as frequentam como de mau gosto**, e eu diria que este é um componente do prazer que elas sentem ouvindo a música. (Embora isso não signifique dizer que toda música de funk é de mau gosto, ou contenha tais características.) Desse modo, haveria certa objetividade, mesmo que não absoluta em nosso juízo, de tal maneira que **ao dizer que uma música como essa que descrevemos é de mau gosto não estamos sendo simplesmente “ditadores”, invasivos. De certa forma, as pessoas compartilham de nossa percepção**”. (FREITAS, 2013, grifos nossos).

De se notar que Freitas, ao iniciar sua resposta apoiando-se na concepção kantiana de estética, praticamente ratifica a crítica feita por Praxedes, qual seja, a de que a visão racista e etnocentrista de muitos filósofos clássicos são utilizadas por

estudiosos contemporâneos. No texto de Praxedes, Kant é o primeiro filósofo citado, e para quem: “os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo” (PRAXEDES, 2010, p. 01).

De se notar também que a argumentação, por mais coerente que possa parecer, é baseada apenas na suposição do entrevistado, quando afirma que “**é difícil** que alguém, mesmo que goste de funk, diga que essa música é de mais bom gosto do que uma sinfonia de Beethoven” ou quando argumenta que uma música como o funk “**é percebida claramente** pelas próprias pessoas que as frequentam como de mau gosto”. (Grifos nossos).

Comentários preconceituosos são, por definição, emitidos sem um conhecimento mais aprofundado da realidade vivida por aquele a quem eles são dirigidos. Dando uma interpretação extensiva à famosa frase de Tolstói “fale de sua aldeia e estará falando do mundo”, diria que é um tanto quanto perigoso falarmos de uma aldeia que não é a nossa, que não conhecemos profundamente suas peculiaridades e subjetividades. Só quem realmente conhece e vive a “estética do funk”, pode saber do que lhe fala mais alto ao coração: se uma sinfonia de Beethoven ou o “batidão” do funk, o que nos parece colocar em perspectiva a afirmação de Freitas de que há uma certa objetividade em seu juízo.

Essa visão elitista sobre o funk não é novidade. Também sofreram do mesmo preconceito, na origem, o samba nos morros do Rio de Janeiro, o tango nos cabarés de Buenos Aires e o blues cantados pelos escravos nas plantações de algodão do sul dos EUA. Tais expressões artísticas somente foram aceitas depois de adaptadas ao gosto da sociedade que dita as regras de bom gosto, da mesma forma como aconteceu com o Rock, de raízes negras, mas cujo “Rei” é o branco Elvis Presley. Em comum, todas essas expressões musicais tinham como protagonistas, na origem, negros, escravos, pobres ou marginalizados, o que, por si só, já fala mais do que qualquer outra argumentação.

O que nos parece é que toda ideia de bom gosto vem de algo antes vivido, experimentado e que ao longo do tempo torna-se uma convicção que parece universal, mas que é sempre subjetiva. Por mais coerente que possam parecer definições de bom gosto, elas sempre partem da opinião do definidor, normalmente tentando se validar em autores consagrados ou em validações genéricas, tais como as expressões “é difícil que alguém ache tal coisa” ou “tal sensação é percebida claramente pelas pessoas”. Em resumo, é sempre a partir de sua subjetividade, desconsiderando o

olhar e a vivência do outro – no caso da entrevista transcrita, sem um olhar mais aprofundado para a origem e a realidade das pessoas que convivem com o funk, que o têm como referencial, que consomem as músicas e frequentam os bailes porque se identificam com a sua estética.

2 ARTESANATO: SEM PRECONCEITOS, SEM LIMITES

As questões acima discutidas nos levam a concluir que o preconceito contra o artesanato, portanto, não é pontual, não é um mero desprezo por um modo de criar que não entra nos currículos das escolas de arte e está excluído do conceito de “Belas Artes” ou até, para muitos, excluído até do próprio conceito de arte. O buraco é mais embaixo, como se viu acima.

Aqui nessa Terra que tem palmeiras onde canta o sabiá, não é diferente, uma vez que não só fomos colonizados por uma nação europeia, como também sua Realeza e seus nobres aqui desembarcaram e viveram por um período e deixou, dentre tantos legados, o desprezo pelo trabalho manual, conforme aponta CUNHA (2005, p. 16):

Desde o início da colonização do Brasil, as relações escravistas de produção afastaram a força de trabalho livre do artesanato e da manufatura. E emprego de escravos como carpinteiros, ferreiros, pedreiros, tecelões, etc, afugentava os trabalhadores livres dessas atividades, empenhados todos em se diferenciar do escravo, o que era da maior importância diante de senhores/empregadores, que viam todos os trabalhadores como coisa sua. Por isso, entre outras razões, as corporações de ofícios (irmandades ou “bandeiras”) não tiveram, no Brasil colônia, o desenvolvimento de outros países. Com efeito, numa sociedade em que o trabalho manual era destinado aos escravos (índios e africanos), essa característica “contaminava” todas as atividades que lhes eram destinadas, as que exigiam esforço físico ou a utilização das mãos. Homens livres se afastavam do trabalho manual para não deixar dúvidas quanto a sua própria condição, esforçando-se para eliminar as ambiguidades de classificação social. Além da herança da cultura ocidental, matizada pela cultura ibérica, aí está a base do preconceito contra o trabalho manual, inclusive e principalmente daqueles que estavam socialmente mais próximos dos escravos: mestiços e brancos pobres. Mas, sempre que podiam, os mestres faziam escravos aprenderem ofícios para pô-los a trabalhar em suas tendas, dispensando-se de pagar salários a obreiros (livres). O trabalho manual passava, então, a ser “coisa de escravos” ou da “repartição de negros” e, por uma inversão ideológica, os ofícios mecânicos passavam a ser desprezados, como se houvesse algo de essencialmente aviltante no trabalho manual, quando a exploração do escravo é o que era.

Sobre essas questões, calha transcrever matéria da BBC Brasil, com excertos da entrevista do estilista Ronaldo Fraga, em que ele aborda a questão do preconceito, bem como fala de diversidade:

O trabalho de bordadeiras da região da tragédia ambiental de Mariana (MG) é o foco da nova coleção do estilista mineiro Ronaldo Fraga, apresentada na 45ª edição da São Paulo Fashion Week, que acontece nesta semana. Considerado um dos mais críticos estilistas brasileiros, ele defende a moda como "um ato político" e já trabalhou com outros temas atuais em suas coleções, como a questão dos refugiados, da transfobia e da sustentabilidade. Na edição 2017 da semana de moda de São Paulo, em agosto, ele chegou a usar uma camiseta criticando as políticas ambientais do presidente Michel Temer. E, em edições anteriores do evento, recebeu tantos elogios por incentivar a diversidade ao levar idosos, deficientes e pessoas acima do peso para desfilarem moda praia, como críticas dos que consideraram racista e de mau gosto o fato de ele ter enfeitado o cabelo de modelos com palha de aço. Pioneiro em desenvolver parcerias com comunidades artesãs para a produção de suas roupas, Fraga critica, em entrevista à BBC Brasil, o que vê como preconceito com os produtos artesanais nacionais. "O artesanato brasileiro é visto como coisa de pobre, feito para comprar para ajudar gente pobre", diz. Leia abaixo os principais trechos da entrevista:

BBC Brasil - Sua nova coleção traz trabalhos das bordadeiras da região de Barra Longa, atingida diretamente pela tragédia em Mariana (em 2015, o rompimento de uma barragem da mineradora Samarco inundou de lama diversas comunidades da cidade mineira). Há uma preocupação de que esse ofício se perca nesse local? Qual seu objetivo com isso?

Ronaldo Fraga - Gerar emprego e renda com reafirmação e apropriação cultural. É isso que faz com que mantenha-se o corpo e a musculatura do saber. E mais: que estimule a geração que está por vir a enxergar isso como valor.

BBC Brasil - Mas o artesanato brasileiro é visto dessa forma pela nossa sociedade? Há algum tipo de preconceito?

Fraga - Claro. Há muito preconceito do brasileiro com nosso artesanato. O artesanato brasileiro é visto como coisa de pobre, feito para comprar para ajudar gente pobre. As pessoas não têm a educação, o saber e a boa vontade para poder ter o mínimo de esforço em enxergar a ancestralidade, a formação de um povo ali. Isso é muito característico de um país colonizado, porque eternamente vai achar uma renda europeia infinitamente mais bonita do que uma renda brasileira, quando essa renda brasileira conta a história desse povo. Esse bordado de Barra Lagoa por exemplo, ele veio para o Brasil através dos portugueses no século 18, nos áureos tempos (das cidades mineiras) de Mariana e Ouro Preto. E Barra Lagoa era o polo dessa produção. Após essa tragédia ambiental nós corremos o risco de uma tragédia cultural porque, estigmatizadas, essas pessoas estão largando suas terras, mudando de cidade. Corremos o risco de esse saber desaparecer. Então é preciso que as novas gerações entendam esse valor. [...] Quando resolvi trabalhar com esse grupo de Mariana, falei: não quero reportar a tinta da tragédia. A marca da tragédia já está aí, você não precisa ir até lá. Mas nós vamos falar de uma população que, passada a tragédia, é estigmatizada por ter feito parte daquilo. As pessoas estão recebendo dinheiro para ir embora e deixar sua terra. Por isso, o risco de esses saberes desaparecerem é muito grande.

BBC Brasil - Você trata da moda como um vetor cultural. Mas a semana de moda de São Paulo também olha para o mercado. Há uma divisão entre a moda mais conceitual, artística e cultural e essa mais comercial?

Fraga - As pessoas costumam dizer: "moda é arte". E eu digo: "alto lá!". Nem sempre a moda é arte, nem sempre a gastronomia é arte, nem sempre a arquitetura é arte. Dependendo de quem a faz ou a forma como é feita, ela pode ser arte. Mas nem é essa a questão que interessa. O que interessa é a moda ser entendida como cultura - isso é indiscutível. Então a moda que está

sendo feita nas lojas de departamento, a moda que é feita por X ou Y: o que está sendo feito ali é cultura, porque o vestir é um documento eficiente do tempo. [...] E em um país tão diverso como o Brasil é importante que uma semana de moda tenha essa diversidade. Eu acharia ruim se houvesse só o aspecto comercial e acho que as novas marcas que estão entrando na SPFW têm um apelo bem comercial, mas isso também é uma cara desse tempo. Basta olhar as escolas de moda, onde você esperaria ver algo novo, (mas) acontece o contrário: é justamente ali que os alunos estão reproduzindo vitrines de lojas internacionais. (FRAGA, 2018).

Mesmo não dando “nomes aos bois”, Fraga aborda as questões da diversidade, da multiculturalidade, dos saberes especiais, do alargamento do conceito de arte e cultura, bem como à questão da visão etnocentrista e ao preconceito contra a arte dita popular.

2.1 FAZERES ESPECIAIS

Ponto interessante na entrevista com Fraga é quando ele diz que nem sempre o fazer algo é arte: “dependendo de quem faz ou a forma como é feita, ela pode ser arte ou não” (FRAGA, 2018), que nos remete ao “fazer especial” de que fala Richter (2003, p. 108):

“É preciso, portanto, cuidado, porque nesse sentido, a arte, vista como “fazer especial”, pode abarcar um domínio muito amplo, que se estende desde o resultado mais alto até o mais prosaico. **No entanto, o simples fazer não é nem “fazer especial” nem é arte. Para tanto, é necessário o algo a mais que retira o objeto de sua simples função utilitária e o reveste de um sentido mais profundo e estético**”. (Grifos nossos).

“Fazer especial”, segundo Richter, corresponde ao que Dissanayake (1991 apud RICHTER, 2003, p. 104) chama de “fazer estético carregado de sentido” e define como “uma tendência característica do ser humano que busca dar forma ou embelezar a realidade, de tal maneira que esta adquire um caráter de ‘especialidade’”, colocando-a em uma esfera diferente do comum, tal como enfeitar com uma florzinha a erva que vai no chimarrão, arranjar de modo único e subjetivo a mesa de jantar da família, pintar um pano de louça, ajeitar a salada do almoço como se fosse um arranjo de flores, conferindo a essas coisas um toque artístico, agradável ao espírito, que desperte uma alegria nos olhos de quem as vê, por mais singela que seja.

2.2 ESTÉTICA DO COTIDIANO

Ivone Richter propõe que uma forma de combater essa visão estreita da arte é trabalhar com a estética do cotidiano no ensino das artes visuais, o que “supõe ampliar o conceito de arte, de um sentido mais restrito e excludente, para um sentido mais amplo, de experiência estética”. Segundo a autora:

Somente desta forma é possível combater os conceitos de arte oriundos da visão das artes visuais como "belas artes", "arte erudita" ou "arte maior", em contraposição à ideia de "artes menores" ou "artes populares". A própria denominação de folclore e artesanato já vem carregada de preconceito. O termo "folklore" foi utilizado para representar a arte "do outro", daquele que não tinha acesso às camadas mais eruditas da sociedade; e o termo artesanato tem sido vinculado à ideia da reprodução sem criação, ou sem uma maior perfeição técnica. (RICHTER, 2003, p. 24).

Na fala acima, Richter resume e resolve toda problemática abordada nesse capítulo: a visão etnocentrista da arte, o elitismo que elege algumas formas de arte como “erudita” ou “maior”, o preconceito contra o artesanato, visto como “arte menor”. Resolve na medida em que propõe, com a estética do cotidiano, ampliar o conceito de arte, de “um sentido restrito e excludente para um sentido mais amplo de experiência estética” (RICHTER, 2003, p. 24), que seria trazer para o conceito de arte também o modo especial de tratar as coisas simples, as experiências cotidianas; enxergar, como diz Manuela Salazar, o “esplendor do insignificante” (SALAZAR, 2017). Ou, como diz AMSTEL (2009) “A estética (...) guia a experiência humana inclusive na rotina do cotidiano. (...) ela está aqui, dentro de nossas casas”. Ela (...) não é a estética do exótico, do inalcançável, do perfeito, mas sim do que é verdadeiramente humano: o comum, o rotineiro, o gostosinho, o bonitinho, o bom”.

3 A LOJA: UMA IDEIA NA CABEÇA E UMA AGULHA NA MÃO

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002).

Abrir uma loja de artesanato foi a junção de duas vontades: empreender e trabalhar com artesanato, o que também é uma paixão da minha mãe, que sempre gostou muito de trabalhar com pintura de caixas para decorar a casa, presentear parentes e amigos ou vender.

A ideia sempre foi a de não vender artesanato pronto (embora às vezes façamos isso com trabalhos de clientes, mas não é o foco da loja), e sim matéria prima para a confecção de trabalhos manuais, tais como tintas, caixas de madeira, gesso, lãs, linhas e agulhas para tricô e crochê, etc. Também queríamos que na loja fossem ministrados cursos de artesanato (outra paixão de minha mãe, que gosta muito de ensinar e interagir com as pessoas).

Assim, em 31 de março de 2018, inauguramos a “Feito à Mão Artesanatos”, em uma sala de 35 metros quadrados na Parada 41 de Viamão, com foco em produtos bem variados, o que foi mudando ao longo do tempo, conforme íamos percebendo o interesse da clientela. Atualmente, o carro chefe da loja são os produtos e acessórios para tricô e crochê.

3.1 PRÁTICAS E OFICINAS

Quanto aos cursos, inicialmente começamos com a *decoupage* em MDF, com minha mãe, ministrando as aulas e com o tempo fomos fazendo parcerias com outras mulheres que ensinavam outras especialidades, tais como tricô, crochê, etc. A seguir, faremos uma breve descrição de cada um dos cursos que ministramos.

3.1.1 Decoupage.

Segundo o Dicionário Informal, *decoupage* “é a arte de decorar algo através de colagem de recortes de papel colorido combinada com técnicas especiais de pintura e de demais acabamentos”.

A origem mais provável do surgimento da *decoupage* é que ela esteja ligada à cultura de tribos nômades da Sibéria. Essas tribos usariam feltros cortados para decorar os túmulos de seus mortos. Da Sibéria, a prática chegou até a China e, no século XII, as colagens com papel eram usadas para decorar lanternas, janelas, caixas e outros objetos. Acredita-se que no século XVII a técnica da *decoupage* tenha chegado até a Europa por meio da Itália, especialmente Veneza, devido às fortes ligações comerciais com o Extremo Oriente durante esse período. Do continente europeu, a técnica de *decoupage* teria se espalhado pelo mundo.

Nos cursos da loja, usamos guardanapos de papel, tecidos ou outros tipos de papéis de gramaturas diferentes e colamos em caixas de MDF, as quais podem ser usadas para diversas finalidades, tais como guardar bijuterias, chás e objetos diversos. Além das caixas, os guardanapos de papel podem ser aplicados em sabonetes, toalhas, vidros e latas, para serem usados como decoração.

Fotografia 1: Aula de *découpage* em MDF



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 2: Aula de découpage em MDF e latas



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 3: Caixa de MDF com découpage de flores, renda, pérolas e alças de metal



Fonte: Luana Missaggia (2019).

3.1.2 Feltro

O feltro é um papel feito de lã ou pelos de animais cujas fibras são agregadas por calandragem, que é um processo de conformação de materiais através de tecidos aquecidos de uma calandra. Com o passar do tempo, graças à tecnologia, o feltro passou a ser produzido com fibras sintéticas em substituição à matéria-prima animal (CULTURAMIX).

A arte de fazer feltro é muito antiga e teve origem na Ásia (Mongólia, Turquia). Os vestígios arqueológicos mais antigos foram encontrados no Altai, na Rússia, e datam de 600 a.C. Contudo, cientistas afirmam que os homens já conheciam a fabricação de feltro muito antes. Desde então, o feltro é utilizado para vestuário, tapetes, mantas e diversos tipos de artigos de utilidade – até mesmo tendas, as chamadas *Yourtes*, que ainda hoje são os alojamentos tradicionais dos nômades asiáticos. Há muitas lendas sobre a origem do feltro, sendo que uma das mais conhecidas é a que conta que na Arca de Noé se encontravam, entre outros animais, ovelhas em um espaço muito pequeno. Em função do calor, as ovelhas perdiam a lã e devido à ação da urina (a lã feltra-se melhor na área alcalina) e da pateada dos bichos, formou-se um grosso tapete de feltro no chão da arca.

A técnica usada na loja é bem simples: consiste na utilização de um molde cujo desenho é transposto para um papel mais resistente e recortado. Esse novo molde é utilizado para recortar o feltro que, após costurado (em alguns casos também é colado) é preenchido com fibra de poliéster. As peças que mais são produzidas são animais, bonecas e enfeites para datas especiais como páscoa, natal e aniversários de crianças.

Fotografia 4: Joana costurando uma coruja



Fonte: Luana Missaggia (2019).

3.1.3 Bonecas de pano

É uma forma simples e rudimentar de boneca em que as partes do corpo são confeccionadas em tecido, podendo o enchimento ser feito em diversos materiais que vão desde a palha, chumaços de algodão, etc. As bonecas, até 1930, eram confeccionadas de pano, seus criadores eram costureiras e artesãos. O folclorista Câmara Cascudo as define como:

[...] bruxas, brinquedo de criança pobre, indústria doméstica precária e tradicional no Brasil, são documentos expressivos da arte popular, indicando preferências por determinadas cores, feitios de trajés, tipos antropológicos, índices da seleção indumentária da região do fabrico”. (CASCUDO, 1979, p.137).

Segundo Cássia Michellyne Silva de França, em sua monografia “Bonecas de Pano – Tradicionalismo no Rio Grande do Norte: Contextos e Obras”, existem duas hipóteses sobre a origem das bonecas de pano no Brasil:

[para] Iaperí Araújo (1985) elas foram trazidas pelos europeus e aqui faziam parte das prendas domésticas das noivas, além de serem brinquedos de criança. Já para Sousa (2012) as bonecas de pano chegaram ao Brasil pelas mãos dos escravos e aqui foram assumindo novas aparências, tornando-se elemento lúdico das crianças carentes. (FRANÇA, 2014, p. 19).

A confecção das bonecas é parecida com a do feltro. Consiste em um molde que é passado para o tecido e logo após recortado. Mas aqui as bonecas são costuradas na máquina e o tecido utilizado é o algodão cru, um tipo de tecido não tingido e bem mais rígido, exigindo que a costura fique mais forte. Após a costura do corpo, são colocados os cabelos (normalmente com fios de lã) e em seguida pintam o rostinho. Algumas aulas são dedicadas apenas para a confecção de roupinhas. A aula é frequentada tanto por mulheres quanto por crianças.

Fotografia 5: Pintura do rosto



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 6: Estudo dos rostos



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 7: Boneca Belinda



Fonte: Luana Missaggia (2019).

3.1.4 Pintura em tecido

Trata-se de uma modalidade de artesanato praticada em tecidos que se tornam verdadeiras telas para dar vida às mais diversas formas.

Segundo a artista plástica Aline Hannun, a pintura em tecido surgiu originalmente na Indonésia (HANNUN, 2014). Era uma arte nobre, que apenas as princesas e suas damas podiam praticar, pois somente elas dispunham de tempo suficiente para trabalhar os tecidos (normalmente a seda) de forma tão detalhada e

elaborada. As tintas que usavam eram extraídas de plantas nativas e preparadas nas habitações, cercadas de muito segredo.

Nas oficinas da loja são utilizados moldes de *stencil* para fazer vários desenhos. Após feita a pintura base, tira-se o molde e passa-se a trabalhar com luz e sombra para que o desenho não fique chapado. É uma técnica rápida, fácil e com um resultado muito bonito. As clientes gostam muito, pois conseguem confeccionar panos de prato em poucos minutos, fazendo com que o trabalho se torne um pouco mais barato. Um molde de *stencil*, se bem cuidado, pode durar para sempre.

Fotografia 8: Dona Geneci



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 9: Pássaros



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 10: Pássaros 2



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 11: Márcia na aula de pintura para o Natal



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 12: Árvore de Natal finalizada



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 13: Sandra aprendendo a pintar rosas



Fonte: Luana Missaggia (2019).

3.1.5 Tricô

De acordo com a definição do *site* Wikipédia, o tricô é uma técnica para entrelaçar o fio (de lã ou outra fibra têxtil) de forma organizada, criando-se assim um pano que, por suas características de textura e elasticidade, é chamado de malha de tricô ou simplesmente tricô. Pode ser feito manualmente, com duas agulhas que, além de propiciar o entrelaçamento do fio (criando cada ponto), abrigam a malha de tricô já tecida. O tricô pode também ser feito através de máquinas próprias chamadas de máquinas de tricô, o que também resulta em um pano muito semelhante à malha manualmente tecida.

Ainda, segundo o mesmo *site*, é bem provável que a técnica tenha nascido no Egito, onde o entrelaçamento era feito com a ajuda de ossos ou de madeira. Os belgas levaram a técnica aos ingleses onde as mulheres a desenvolveram para produzir meias e cachecóis que protegessem seus maridos e filhos no inverno. Usavam fios

de lã pura que elas mesmas produziam. Por isso até hoje o tricô está relacionado ao inverno, o que a tecnologia reinventou, levando-a também para as malhas de verão por meio de fios leves e apropriados. A malha permite desfazer o tecido rapidamente, diferentemente de outros processos de tecimento.

As aulas de tricô começam a ser procuradas em março, quando as clientes iniciam projetos de inverno. As peças mais requisitadas para aprender são blusões, mantas, meias e casacos de lã, principalmente infantis. No final do inverno, as alunas trocam o tricô pelo crochê, já que as linhas utilizadas no crochê não são tão quentes quanto as lãs do tricô, embora lãs e linhas possam ser utilizadas em ambas as técnicas.

Fotografia 14: Blusão infantil em tricô



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 15: Aula de tricô



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 16: Aula de tricô 2



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 17: Manta de tricô



Fonte: Luana Missaggia (2019).

3.1.6 Crochê

Crochê é o processo de criação de tecidos usando a agulha de crochê e algum fio contínuo, normalmente, lã, fio de algodão, seda, etc, mas também pode se usar arame, barbante ou outro material inovador, segundo o *site* Wikipédia.

Segundo o site, não se sabe ao certo qual a origem do crochê, sendo a teoria mais provável a de que começou com a confecção de bonecas na China e, posteriormente, vindo a se espalhar-se através do Tibete para o mediterrâneo.

As aulas de crochê são as mais procuradas na loja. A professora é minha tia, Cláudia Hanauer, uma das entrevistadas nesse trabalho. Com sua vasta experiência, ela consegue tirar todas dúvidas das alunas e suas aulas são tanto para o público iniciante quanto para os já mais avançados na técnica. A aula tem duração de três horas, começando às 15 horas toda segunda-feira. Todas ficam sentadas em volta de uma mesa e às 16h é servido um chá com bolachas ou bolo. As alunas adoram o clima descontraído das aulas.

Fotografia 18: Barras laranjas para toalhas em crochê



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 19: Cátia produzindo flor em crochê



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 20: Meninas na aula



Fonte: Luana Missaggia (2019).

3.2 CONVERSAS COM ARTESÃOS

No decorrer da nossa vivência na loja e principalmente nos cursos ministrados, foram se formando laços com os clientes e os alunos, o que, inevitavelmente, faz com que acabemos conhecendo um pouco mais da vida de cada um. Esse “conhecer um pouco mais” é possível porque a estética da loja, um ambiente que respira e transpira artesanato, acaba por induzir a essa interação. As pessoas não vão apenas comprar algo para consumo, como fazem quando vão a um supermercado, por exemplo, já sabendo previamente o que buscam. Ir a uma loja de artesanato em busca de materiais para suas criações é algo mais do que um mero ato de comprar, porque as pessoas estão comprando coisas para fazerem algo que amam, que lhes dá prazer, que lhes conforta ou serve como relaxamento. Além disso, elas também buscam orientações sobre o que e como fazer suas peças e, para isso, precisam falar de si, do que gostam ou não, do que pretendem fazer, pedem sugestões, etc. Há também uma troca, porque ao sugerir também falamos das nossas próprias experiências com

o artesanato, falamos do que mais gostamos, o que não raro gera uma empatia entre vendedor/cliente. Não é incomum, também, as próprias clientes ficarem trocando ideias e impressões entre si.

Inspirados, digamos assim, por essa interação, propomo-nos a fazer uma entrevista com alguns clientes a fim de conhecer um pouco mais sobre o que o artesanato representa para cada um deles e com isso tentarmos identificar questões ligadas aos seus “fazeres especiais” e à estética presente em seus cotidianos.

O critério utilizado para a escolha dos clientes não foi por nenhum fazer especial que os destacassem e sim pela proximidade e frequência de contato. Também não foram feitas visitas às casas das pessoas por absoluta falta de tempo, pois além do trabalho na loja ser de segunda à sábado, o domingo é utilizado para outros afazeres que também envolvem a loja, mas não são passíveis de serem feitos nos outros dias da semana.

Primeiramente, foi entregue um questionário que deveria ser respondido pelas clientes e, posteriormente, para complementar e melhor entender as respostas, foram feitas entrevistas ao vivo, bem informais, quase uma conversa, para deixar os entrevistados bem à vontade. No questionário, deveriam ser informados alguns dados pessoais como nome, endereço, número de membros na casa, e responder as seguintes questões: a) quais tipos de trabalho você realiza; b) de onde vem as ideias; c) com quem aprendeu; d) qual o seu trabalho preferido; e) para quem faz os trabalhos; f) por que faz; g) quando faz; h) onde faz; i) você se considera um(a) artista.

Ao fim do trabalho, em “Apêndices”, encontram-se os Termos de Consentimento para reprodução das imagens fotográficas, bem como dos depoimentos das entrevistadas disponibilizadas na presente monografia.

3.2.1 Beatriz Rocha

Beatriz é minha mãe, tem 53 anos e mora em uma casa com dois filhos (eu e meu irmão de 28 anos), dois cachorros e cinco gatos, no bairro Intercap, em Porto Alegre.

Relata que há mais ou menos trinta anos faz tricô e bordado em ponto cruz e que há aproximadamente vinte anos começou a se interessar por pintura em caixa, vidro e tecido.

Bia, como gosta de ser chamada, diz que desde a infância sempre teve gosto por arte: *“tudo era motivo para criar; por exemplo, minhas casinhas de boneca tinham*

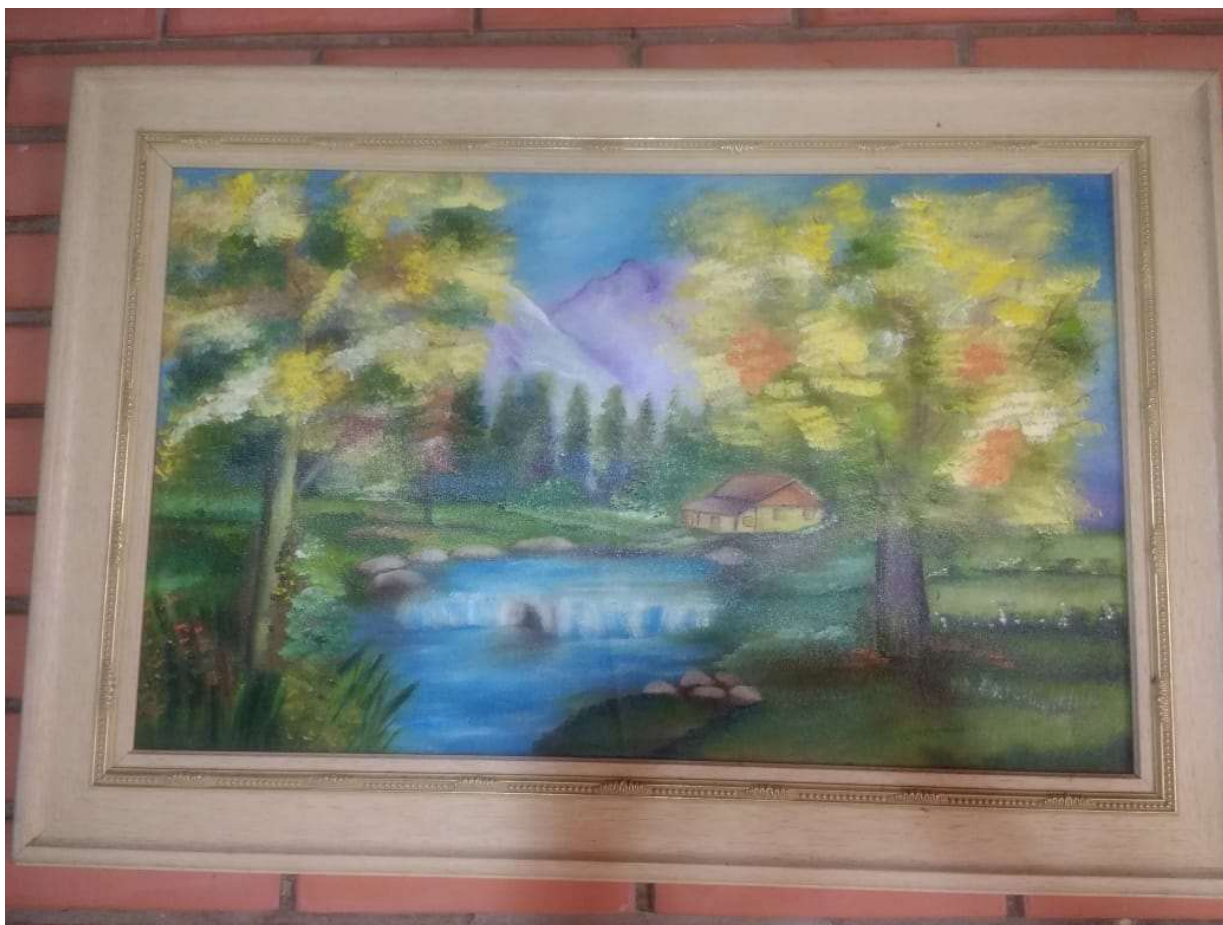
cortinas e tapetes feitos com saquinhos de leite e as roupinhas das minhas bonecas era eu quem fazia com retalhos de tecido que conseguia com a vizinha que era costureira". Os cadernos escolares também eram todos decorados, com letras enfeitadas e coloridas para escrever o nome da disciplina. "Abaixo do nome sempre tinha um desenho de algum personagem que eu gostasse na época". Bia diz que lamenta não ter guardado nenhum desses cadernos: "A gente não imagina que dali há uns anos vai ser legal rever essas coisas".

As ideias para suas "invenções e trabalhos" advinha da televisão ou de revistas; atualmente, inspira-se em vídeos da plataforma *Youtube* ou de fotos de diversos *sites* da internet para criar seus próprios modelos (no caso de caixinhas e pinturas). Para aperfeiçoar as técnicas, sempre fez cursinhos de pintura e decorações em MDF e artesanato em geral. Diz que gostava muito do ambiente das aulas, de aprender coisas novas com as colegas, compartilhar experiências, etc. *"Sempre gostei de aprender e passar adiante meu conhecimento. Não é à toa que hoje ministro aulas na loja da minha filha".*

A técnica do tricô aprendeu com mães de amigas, a maioria vizinhas e a prática era feita em reuniões de amigas para tricotarem juntos. No bordado se diz autodidata, pois aprendeu por meio de revistas.

Dentre todas essas técnicas, as que mais gosta de fazer é o tricô e a pintura em tela, e seu trabalho preferido é *"que me dá muita alegria de olhar é a primeira tela que pinte a mão livre com tinta a óleo há mais ou menos dez anos. Levei um mês para terminá-la e, quando terminei, coloquei numa moldura dourada e pendurei na parede da minha sala".*

Fotografia 21: Tela pintada com tinta a óleo



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Os trabalhos que Beatriz faz hoje são para vender e para presentear. Conta que na época que estava aprendendo fazia muitas coisas e guardava em casa até se aperfeiçoar bem nas técnicas.

Seu local preferido para produzir é em casa, no período da noite, ou nos domingos, quando sempre consegue fazer alguma coisa à tarde, e diz que faz artesanato e pintura porque gosta, acha prazeroso e terapêutico. Atualmente, além de um *hobby*, tornou-se seu trabalho. “*Sempre tenho que criar peças e pinturas novas para apresentar às alunas na loja. Temos que inspirá-las!*”, diz com orgulho.

Sobre se considerar artista, Beatriz diz que sim, pois além de gostar e achar que leva jeito para a coisa, estudou as técnicas durante muitos anos e hoje, além de criar suas próprias peças, também transmite seu saber para outras pessoas.

Fotografia 22: Porta joias em MDF estilo rústica



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 23: Porta joias em MDF com aplicação de flores



Fonte: Luana Missaggia (2019).

3.2.2 Ademir Longaray

Ademir tem 49 anos e mora em uma casa com a esposa e duas filhas, no bairro Jardim Krahe, em Viamão, e conta que trabalha com a técnica do crochê, utilizando principalmente barbantes e cordões mais grossos: *“Sempre me interessei por artes desse tipo, comecei na adolescência bordando telas com fios de lã, uma técnica bem mais simples que o crochê”*.

Ademir diz que seu interesse pelo crochê começou assim que se casou, por incentivo de sua esposa, que o ensinou a técnica e é a sua grande parceira nessa atividade até hoje. Diz ainda que está sempre em busca de aprender algo novo, que gosta muito de desafios, aprender novos pontos e acrescentar habilidades no trabalho de crochê e que sua inspiração vem, principalmente, de trabalhos que vê na internet.

“Acho que quem faz crochê se orgulha de tudo que faz. Como gosto de desafios, o último trabalho sempre poderá ser meu preferido, pois provavelmente tem nele um

ponto novo, uma ideia nova, uma nova cor recém lançada, etc. Gosto muito de produzir tapetes para colocar ao lado da cama, então sempre faço duplas”.

“O tapete da foto abaixo é um desses que gostei muito”, diz Ademir, “A cor telha é neutra e combina com quase todos os móveis, mas foi difícil encontrar uma cor que combinasse para fazer o barrado, mas depois de pensar bastante, peguei esse vermelho com branco e acho que ficou muito bem”.

Fotografia 24: Tapete para saída de cama em crochê



Fonte: Ademir Longaray (2019).

Ademir conta que gosta de chegar do trabalho, pegar uma cadeira de praia e “crochetar” até umas 22h na frente de casa com sua esposa. *“Isso me faz muito bem, amo todos os trabalhos que faço, então sempre digo que todo trabalho de crochê que faço são para mim mesmo, para o meu bem-estar. Quando há oportunidade de acabar vendendo alguma peça, é sempre válido, apesar de gostar tanto do resultado e querer realmente ficar com o trabalho”.*

Quanto a se considerar um artista, Ademir diz que não sabe, pois não dedica 100% do meu tempo pra isso, *“mas de certa forma, o crochê é uma arte feita com as mãos e que necessita uma habilidade para tal... mas acredito que vamos nos tornando artistas no aperfeiçoamento da técnica dia após dia”*, conclui.

Fotografia 25: Conjunto azul para banheiro em crochê



Fonte: Ademir Longaray (2019).

Fotografia 26: Conjunto salmão para banheiro em crochê



Fonte: Ademir Longaray (2019).

Fotografia 27: Capa para almofada em crochê



Fonte: Ademir Longaray (2019).

Fotografia 28: Tapete azul em crochê



Fonte: Ademir Longaray (2019).

3.2.3 Alessandra Bassan

Alessandra tem 49 anos e mora em uma casa com o filho e dois cachorros em Viamão, bairro Florescente. Conta que o artesanato apareceu em sua vida um pouco tarde, já com seus 40 anos, influenciada por sua avó e sua sogra, que foram as pessoas que lhe ensinaram as técnicas do tricô e do crochê.

“Mal sabia eu que esses trabalhos serviriam de válvula de escape anos depois, quando meu marido descobriu um câncer de estômago muito agressivo em 2016 e veio a falecer em poucos meses. Nessa época, o artesanato se tornou ainda mais presente na minha vida e permanece até hoje”, afirmou ela.

Alessandra diz que quando quer fazer ou aprender algo novo, marca aulas com a Cláudia, professora de crochê na nossa Loja. *“As aulas dela são maravilhosas e o convívio com pessoas que gostam das mesmas coisas que eu me faz bem. Conversamos, tomamos chá e, quando vejo, o tempo passou e nem senti!”.*

Suas ideias vem principalmente da plataforma *Youtube* e conta que faz seus trabalhos quando está de folga, principalmente à noite: *“Isso me distrai de pensamentos ruins sobre a vida”.*

Sobre suas motivações, Alessandra fala que *“o importante para mim é fazer, é estar com uma agulha (ou duas, no caso do tricô), e uma linha nas mãos. Sempre acabo vendendo algumas coisas, mas a maioria das coisas que faço dou de presente para a família e amigos”.*

Alessandra não se considera uma artista: *“Acho que os artistas vivem para a arte. No momento eu vivo para meus 2 filhos e meu trabalho. O artesanato é apenas um hobby que me faz bem. Muito bem”.*

Fotografia 29: Toalha de mesa em crochê



Fonte: Alessandra Bassan (2019).

Fotografia 30: Tapete oval em crochê



Fonte: Alessandra Bassan (2019).

3.2.4 Berenice Trindade

Berê tem 53 anos e mora em uma casa com o marido e o filho mais novo em Viamão, bairro Viamópolis, e suas principais atividades no artesanato são confecção de bonecas de pano costuradas à máquina, bonecos de feltro costurados a mão, pintura em caixa de MDF e restauração de alguns móveis próprios. O que mais tem feito ultimamente é restaurar os móveis da sua casa. Há pouco tempo mudou a estampa dos tecidos dos sofás e das cadeiras, e tem 2 banquinhos na fila esperando para serem reformados. Ama decorar sua casa e combinar estampas.

Berenice nos dá um depoimento sobre sua relação com a loja e conosco: *“A maioria das minhas ideias são tiradas da internet. Também peço muitas dicas para Lu e para Bia, passo os dias na loja com elas jogando conversa fora e produzindo. Acho que mais conversando do que produzindo. A Bia me ensinou muita coisa, principalmente a decorar caixinhas. Elas trazem novidades quase toda a semana e a minha cabeça fervilha de ideias! Elas sempre me trataram muito bem e nos tornamos muito amigas. Acho que há dois anos vou visita-las quase todos os dias”*.

Berê conta que os trabalhos que mais amou ter feito nesses últimos anos foram a boneca russa e a última restauração que fez nas cadeiras da sua sala. Diz que as bonecas normalmente faz para vender, quando tem encomendas, mas relata uma certa falta de valorização pelo seu trabalho: *“confesso que não gosto de vender o que faço, pois as pessoas acham tudo muito caro, vivem reclamando de preço. Dá bastante trabalho fazer uma boneca e os clientes sempre querem pagar um valor que não cobre nem o material que gastei. Isso desanima, então prefiro fazer pra mim mesma ou para presentear”*.

Também diz que faz artesanato porque ama fazer: *“é divertido e me distrai muito. Quando vejo, as horas passaram voando. Costumo produzir na loja com as gurias ou em casa à noite”*.

Berenice não se considera uma artista: *“acredito que artistas estão em museus e tem suas obras expostas”*.

Fotografia 31: Enfeites em feltro para árvore de natal



Fonte: Berenice Trindade (2019).

Fotografia 32: Boneca de pano



Fonte: Berenice Trindade (2019).

Fotografia 33: Cadeira reformada



Fonte: Berenice Trindade (2019).

3.2.5 Dilma Tulikowski

Dilma tem 53 anos e mora em uma casa com o esposo e duas filhas em Viamão, bairro Viamar, e faz crochê e tricô que aprendeu com uma vizinha, uma senhora bem idosa, há mais de 25 anos, e conta que, a partir daí, diz que nunca mais parou de crocheter e tricotar: *“Tricô só faço em dias frios, pois normalmente utilizo novelos de lã; crochê faço no inverno e verão”*.

Dilma relata que suas ideias sempre vieram de revistas, pois não gosta muito de usar a *internet* e nem sente falta.

“Tenho várias revistas que me inspiram até hoje, mas ano passado descobri uma coisa que passou a alegrar meus dias: os cursos da loja da Bia e da Luana. Comecei fazendo caixinhas decoradas com a Bia, e depois segui fazendo aulas de tricô e crochê com a Claudia. Minha paixão mesmo é o crochê, então em toda a aula da Claudia eu peço para aprender algo novo, e como ela é adepta ao Youtube, me traz várias dicas de casa”.

Dilma também ressalta o caráter terapêutico de fazer artesanato: *“As aulas de artesanato na loja são tudo o que eu preciso para ter uma semana feliz. Meu marido e filhas me incentivam muito a ir em todas as aulas, e dizem que quando volto da loja para casa, nem lembro de reclamar da louça na pia”*.

A maioria dos seus trabalhos Dilma faz para vender e também aproveita o que tem já pronto para presentear: *“É uma terapia para mim, então em todo lugar que vou, levo minha agulha e novelos junto. Em casa, no carro, em viagens e até em casa de amigos. Enquanto eles usam o celular, eu ponho minhas agulhas para trabalhar”*.

Sobre ser artista, Dilma diz que nunca parou para pensar nisso, mas que não se considera uma artista: *“Acho que artistas criam coisas novas, originais, e o meu trabalho nada mais é do que reproduções de receitas criadas por outros artesãos”*.

Fotografia 34: Conjunto de banheiro cru em crochê



Fonte: Dilma Tulikowski (2019).

Fotografia 35: Conjunto de banheiro preto em crochê



Fonte: Dilma Tulikowski (2019).

Fotografia 36: Conjunto de banheiro azul e branco em crochê



Fonte: Dilma Tulikowski (2019).

3.2.6 Cláudia Hanauer

Cláudia é minha tia e mora em uma casa, com meu tio e meus 3 primos, todos homens, no bairro Jardim Krahe, em Viamão e conta que faz tricô e crochê desde os 9 anos de idade, depois de aprender com uma vizinha, e que nunca se aventurou em outro tipo de artesanato: *“nada me chama atenção além das agulhas e novelos. Essas duas modalidades preenchem todo o meu tempo livre e eu amo fazer”*.

Suas ideias surgem de todo lugar: *“se vejo alguém usando um blusão de tricô na rua ou em manequins de lojas, fico de olho até entender o ponto; quando chego em casa começo a fazer”*. Cláudia diz que tem muita facilidade em reproduzir peças apenas olhando e, atualmente, passa um bom tempo assistindo vídeos na plataforma *Youtube*, principalmente porque começou a dar aulas na loja e sempre quer levar novidades para as alunas: *“Dar aulas também uma terapia para mim, é meu momento de lazer”*.

Cláudia relata que o que mais gosta de fazer são conjuntos de tapetes para banheiro e blusões infantis de tricô e que tudo o que faz é para vender: *“não fico com nada para mim e dificilmente presenteio, pois nunca tenho nada pronto em casa. As peças que finalizo deixo na loja das gurias. Temos uma parceria muito legal, eu compro os novelos na loja e elas vendem pra mim. Em loja é muito mais fácil vender artesanato, as pessoas dão mais valor”*.

O motivo pelo qual faz seus trabalhos é porque tem verdadeira paixão por essa atividade: *“é praticamente meu único hobby, além de pescaria. Me deixa tranquila e feliz. Comecei aos 9 e nunca mais parei. Quando chego do trabalho à noite, uma das primeiras coisas que faço é pegar minhas agulhas; aí fico até umas 2 da manhã produzindo e vou dormir para no outro dia acordar as 6h”*.

Questionada sobre se se considera uma artista, Cláudia é enfática em afirmar que sim: *“modéstia à parte, meus pontos são muito bonitos e muito caprichados. Sou muito orgulhosa do meu trabalho, fico admirando por bastante tempo antes de entregar para as clientes”*.

Fotografia 37: Conjunto de banheiro rosa em crochê



Fonte: Luana Missaggia (2019).

Fotografia 38: Conjunto de banheiro bege em crochê



Fonte: Luana Missaggia (2019).

3.2.7 Maria de Lurdes Ávila

Lurdes tem 48 anos e mora em uma casa com o marido e um filho em Viamão, bairro Viamópolis, e conta que vem de uma família muito humilde, razão pela qual o artesanato esteve presente em sua vida desde a infância, pois desde os 9 anos era obrigada a criar para ajudar seus pais em casa.

Conta que já passou por praticamente todas as técnicas: bonecas de lã, tapetes de crochê, roupas para bebês e bonecas, pintura em caixas de MDF, entre outras. Atualmente, o que mais faz é crochê, principalmente flores para aplicação em toalhas de banho e rosto, pintura em tecido e algumas coisas em tricô no inverno como blusões, mantas e sapatinhos de bebê.

Lurdes casou muito cedo, aos 14 anos, e logo engravidou. Praticamente todas as roupas dos seus dois primeiros filhos foi ela mesma quem fez, *“sempre tirando as ideias de minha própria cabeça e algumas vezes pegava ideias de vitrines ou revistas. Chegava em casa e fazia”*.

“Tudo o que sei hoje aprendi sozinha. Após muitos anos fiz alguns cursinhos, mas todos de aperfeiçoamento, pois as técnicas eu já sabia. Minha mãe nunca foi de fazer artesanato, mas me obrigava a fazer alguma coisa que pudesse vender para ajudar na renda, então optei pelo artesanato, mas tive que aprender na marra. A única coisa que tive ajuda de amigas foi para fazer sapatinhos de bebê”.

Lurdes conta que seus trabalhos preferidos são roupinhas de bebê em crochê e toalhas de banho com aplicação de flores e pinturas de fundo. *“Adoro decorar toalhas”*.

A maioria dos trabalhos que faz são para vender e só de vez em quando fica com algo para si. Suas principais clientes são as irmãs da igreja que frequenta.

“Hoje posso dizer que amo fazer. O que antigamente era obrigação, hoje é um prazer. Graças a Deus não preciso mais do dinheiro do artesanato para viver, então estou livre para criar o que eu quiser e quando quiser. Os momentos que mais faço é à noite em casa”.

Lurdes não se considera uma artista: *“Sei que deveria, mas minha autoestima é muito baixa para me considerar algo assim. Mas sei que deveria, pois meus trabalhos são muito caprichados e cada detalhe é feito com muito amor e dedicação”*.

Fotografia 39: Toalha com aplicação de flores de crochê e pintura



Fonte: Maria de Lurdes Ávila (2019).

Fotografia 40: Macacão de bebe em crochê



Fonte: Maria de Lurdes Ávila (2019).

Fotografia 41: Bolsa de crochê



Fonte: Maria de Lurdes Ávila (2019).

3.2.8 Milene Franco

Milene tem 36 anos e mora em uma casa com o marido e filha em Viamão, bairro São Lucas.

Milene conta que faz de tudo um pouco. Trabalha com tecidos, feltro e até madeira: *“meu marido comprou máquinas e criamos banquinhos, caminhões de brinquedo, vasos para plantas, etc. Meus amigos sabem que gosto de artesanato, então ficam pedindo para eu criar coisas que muitas vezes nunca trabalhei, como peças de biscuit ou EVA, mas eu sempre aceito o desafio e acabo gostando muito do resultado”*.

Milene conta que o que mais fazia eram trabalhos em feltro, mas acabou deixando um pouco de lado, porque esse tipo de trabalho contém muitos detalhes e é preciso tomar muitos cuidados: *“tem que estar sempre atento para não pingar cola, cortar bem certinho, costurar de modo que fique bem fechado, combinar cores, etc. Nos últimos tempos andei um pouco sem paciência para esses detalhes e decidi mudar um pouco o ramo: passei a fazer amigurumis de crochê. Pedi para minha irmã me ensinar, já que ela faz várias peças em crochê. Quem faz crochê consequentemente sabe fazer amigurumis, pois ele é feito quase todo com um dos pontos mais básicos, o ponto baixo. Quando comecei a crochetar simplesmente me apaixonei pela técnica, até porque não tem tantos detalhes como o feltro e não requer muito material, basta uma linha e uma agulha. Posso levar a todo lugar. É maravilhoso!”*

Sua inspiração vem do trabalho de outras artesãs dos quais toma conhecimento, principalmente, nos vídeos da plataforma Youtube. Conta que, mesmo quando não tem encomendas, costuma ficar assistindo muitos vídeos para se inspirar. Assim, quando é o momento de produzir algo, já tem várias ideias em mente.

“Amo o que faço e não quero desistir do artesanato. É verdade que às vezes nos desestimulamos por ser tão difícil a venda, mas eu quero insistir até chegar o dia que eu possa viver do meu trabalho como artesã”.

Todas as peças que produz são para venda, mas também presenteia suas amigas com suas peças: *“Tudo o que faço é para vender, mas aproveito para presentear amigas queridas com peças exclusivas feitas por mim. Acho que presentes assim tem mais significado”*.

Milene aproveitou um quatinho de sua casa que não era usado para montar seu ateliê. É lá que passa a maior parte do tempo, produzindo suas peças, principalmente na parte da tarde: *“Ainda faltam muitos detalhes para virar um ateliê*

de verdade, mas pelo menos todos os meus materiais estão ali, organizados em um só lugar, isso é muito importante para um artesão que possui uma quantidade enorme de materiais”.

Quanto a se considerar uma artista, Milene diz que sim, e sua resposta, na minha opinião, foi a mais interessante: *“Sim, me considero uma artista, pois sou capaz de criar uma linda boneca a partir de um simples tecido ou fazer nascer um ursinho a partir de um novelo de linha. Assim como ser mãe, amiga, ou em qualquer outra situação que precise pensar e executar, você tem que ser uma artista; uma hora ou outra todos somos artistas”.*

Fotografia 42: Guirlanda de páscoa



Fonte: Milene Franco (2019).

Fotografia 43: Boneca de pano



Fonte: Milene Franco (2019).

Fotografia 44: Carrinho de filtro



Fonte: Milene Franco (2019).

Fotografia 45: Caminhão de madeira



Fonte: Milene Franco (2019).

Fotografia 46: Cadeirinha de madeira porta cuia



Fonte: Milene Franco (2019).

Fotografia 47: Bonecos de feltro



Fonte: Milene Franco (2019).

3.2.9 Sara Anahy

Sara tem 37 anos, mora em uma casa com esposo e filho em Viamão, bairro Florescente, e se diz *“viciada em internet”*. *“Vivo vendo fotos e coletando ideias. Sempre amei dicas de beleza, decoração, organização e receitas”*.

Sara conta que decidiu aprender a fazer crochê em um dia que, navegando pela *internet*, olhando *sites* de decoração, deparou-se com uma sala cheia de trabalhos em crochê: manta do sofá, abajur, toalha de mesa, almofada, tapete e cortina: *“Achei aquela sala tão maravilhosa que decidi aprender a fazer crochê. Como sou da internet, não procurei cursos em Viamão, e sim fui direto para o youtube. Através de vídeos fui aprendendo a fazer os pontinhos e simplesmente me apaixonei pela técnica, virei uma viciada em crochê! Já faz 12 anos desde o meu primeiro trabalho”*.

Sara conta que se inspira muito em crocheteiras famosas da plataforma Instagram: *“mas realmente só me inspiro, pois todas as minhas peças são criadas por mim, são exclusivas”*. Relata, orgulhosa, que sempre que termina uma peça tira uma foto e posta no seu perfil nas redes sociais, onde conta com mais de 16 mil seguidores, a maioria crocheteiras, com quem aproveita para trocar muitas ideias.

“Não tenho um trabalho preferido pois todos são meus preferidos, principalmente as últimas peças criadas”.

Sara conta que, à medida em que ia aprendendo, deixava a peça disponível para venda: *“se alguma amiga quisesse comprar, eu vendia, mas nunca fui de oferecer”*. Atualmente, Sara diz que fica com todas as peças: *“até porque preciso ter um modelo de cada, já que não faço anotações (deveria!), então é como se tivesse vários modelos. Se alguém faz uma encomenda de uma das minhas peças, aí sim vendo, mas quase tudo é para uso próprio ou para decorar minha casa, que é praticamente toda trabalhada no crochê”*.

Sara conta que seu marido e seu filho gostam dos seus trabalhos e a incentivam muito a continuar produzindo, *“eles realmente gostam e me incentivam, pois eles veem que isso me faz feliz. Ainda mais que 99% das minhas peças são coloridas, como podem ver nas fotos, então é impossível ficar triste ou com raiva diante de tantas cores alegres”*.

Sara diz que não tem um horário determinado para produzir: *“Todo o momento é hora para crochetar, até quando saio de carro com o marido. Deixo ele ir onde precisa e fico no carro com minha agulha e linha. Quando falta material, recorro à loja*

das gurias, que foi uma alegria quando descobri, pois é bem pertinho da minha casa e tem novidades que eu só via na internet”.

Sara se considera uma artista, pois as peças são todas criações dela e, além disso, diz que estudou muito para chegar no nível em que se encontra hoje e conquistar tantos seguidores nas redes sociais por causa de seu trabalho: *“Aliás, meus seguidores e amigos me consideram uma artista, por que eu não me consideraria?”*, concluiu, sorrindo.

Fotografia 48: Manta de pescoço em crochê



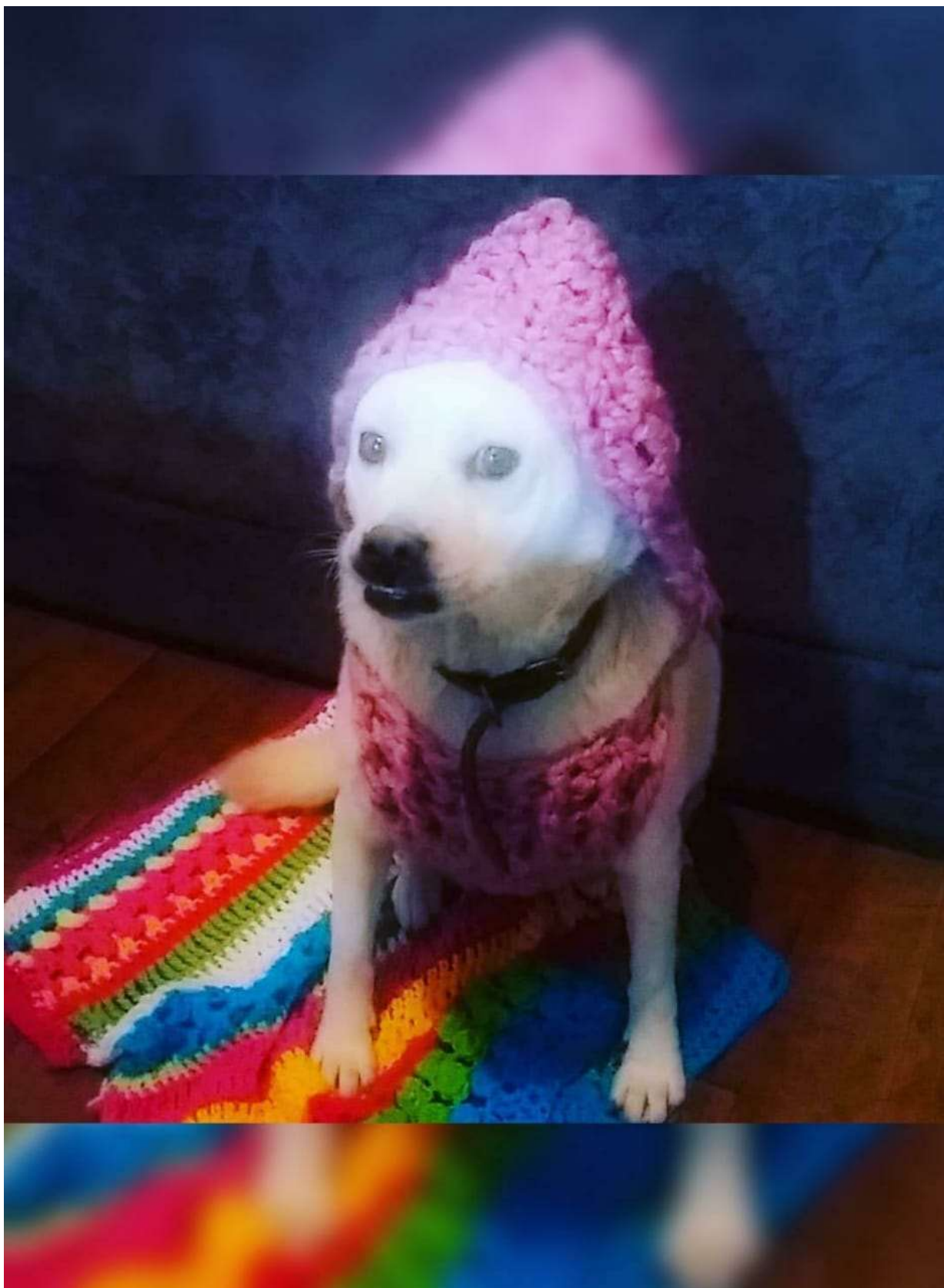
Fonte: Sara Anahy (2019).

Fotografia 49: Gorro de bolinhas em crochê



Fonte: Sara Anahy (2019).

Fotografia 50: Cachorrinha com roupa de crochê



Fonte: Sara Anahy (2019).

Fotografia 51: Gorro de lã em crochê



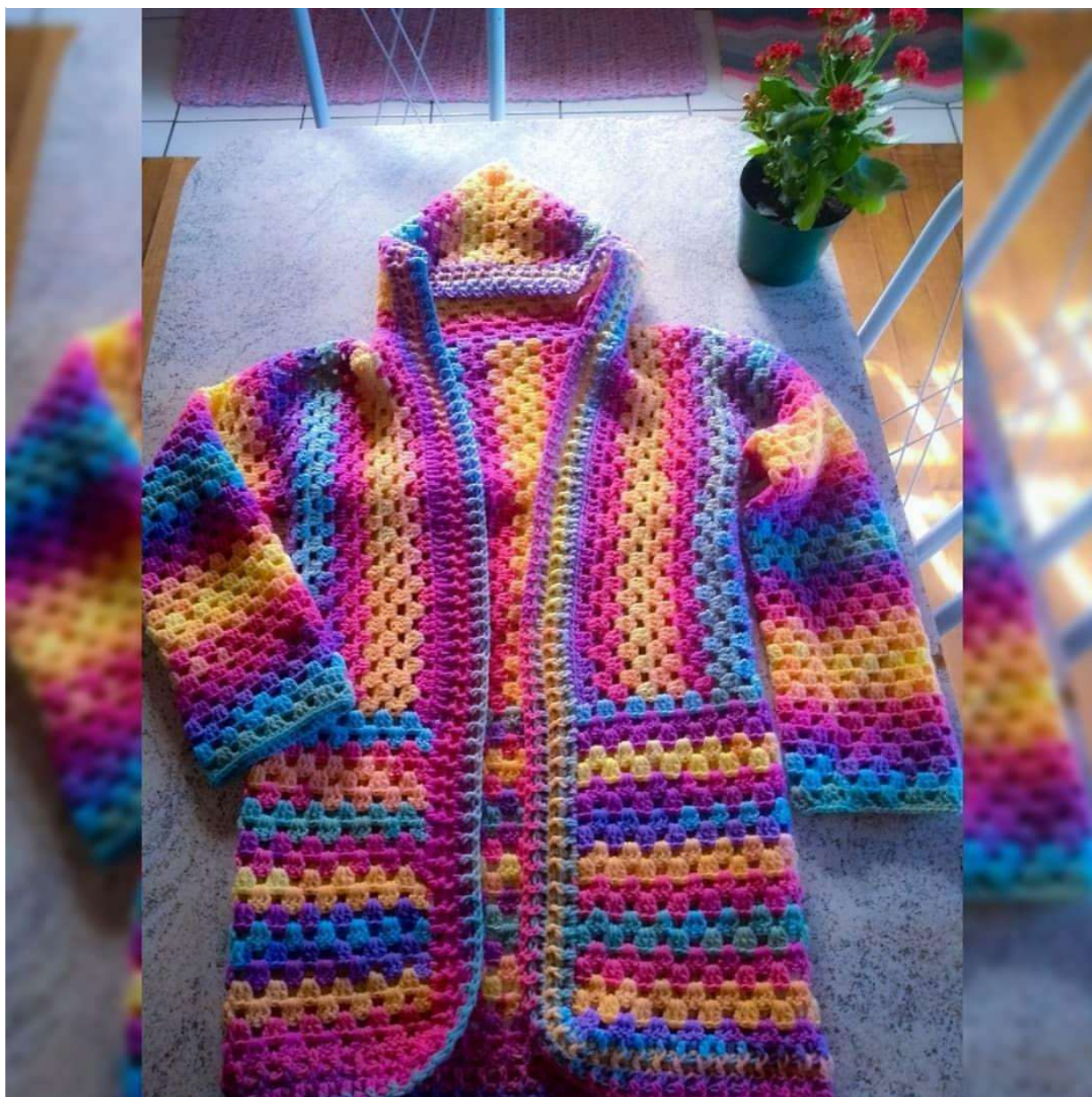
Fonte: Sara Anahy (2019).

Fotografia 52: Manta de sofá em crochê



Fonte: Sara Anahy (2019).

Fotografia 53: Casaco colorido em crochê



Fonte: Sara Anahy (2019).

Fotografia 54: Conjunto de praia em crochê



Fonte: Sara Anahy (2019).

3.3 IMPRESSÕES

Duas coisas, principalmente, chamaram atenção nessas entrevistas: a primeira é que uma simples entrevista, com algumas poucas perguntas, já nos permite um outro olhar sobre as pessoas à nossa volta, porque essa entrevista busca algo, no caso, a arte no cotidiano do entrevistado. É diferente como quando a pessoa simplesmente relata ou conta algo de sua vida. Não estamos com o mesmo espírito de busca (e muitas vezes nem prestamos muita atenção). Bastou deslocar-nos um pouco do contexto da loja e adentrar, mesmo que minimamente, no cotidiano delas para percebemos nuances que antes não notávamos. O melhor exemplo disso foi na entrevista com minha mãe. Embora sempre tenha ouvido essas histórias de sua infância, foi somente agora que realmente consegui visualizar aquele seu universo infantil. A casa da minha avó sempre foi, para mim, a casa da minha avó; só notava o que meus olhos viam, o cotidiano de minha avó e suas coisas. Quando conheci minha mãe ela já era adulta e morava na minha casa e, muito embora, obviamente, sempre tenha ouvido histórias de sua infância, esse universo sempre me pareceu muito distante e enfumaçado. Nunca me peguei imaginando com muita clareza como foi a infância de minha mãe, o que ela fazia, como brincava, como enfeitava seus cadernos ou mexia com as agulhas de tricô junto de suas amigas. Somente agora, ouvindo-a falar de sua paixão por isso de “tornar as coisas especiais” é que essas imagens me vieram com força de realidade, com força de algo que realmente existiu.

Tudo isso, obviamente, pelos laços existentes, foi mais intenso na entrevista com minha mãe, mas também foi percebido com os outros entrevistados. Ao conhecermos um pouco mais, nossa visão sobre a pessoa se modifica, algo se acrescenta. Ao se deslocar o olhar, desloca-se também a realidade; ou melhor dizendo, amplia-se a realidade. Passamos a perceber aquela pessoa além dos limites dessa relação do universo da loja. Sabemos que as pessoas têm filhos, esposas, maridos, netos, cachorros, uma casa, uma sala, uma televisão, mas é somente quando as ouvimos falando, com paixão e alegria, e nos mostrando um pouco de seu mundo é que isso realmente se incorpora à nossa visão.

A outra questão percebida foi o prazer que as pessoas sentem ao falar de si e de suas coisas, do seu mundo, principalmente quando falam de suas paixões, no caso, fazer artesanato. Em todas as falas a resposta “faço porque amo” esteve presente. Alguns fazem para si, outros para presentear, outros para vender ou todas essas coisas juntas. Mas essas coisas são a finalidade; o que leva realmente as pessoas a

fazerem artesanato é o amor, o prazer e a alegria que sentem ao criarem algo. Vemos isso até na fala de Maria de Lurdes, que começou a fazer por obrigação, para ajudar a família, mas hoje faz porque gosta.

Afora essas questões, também ficou claro o caráter terapêutico do artesanato para os entrevistados. Alguns entrevistados carregam histórias com dramas pessoais bem “pesados” e referem a importância que o artesanato teve e tem para suportar os momentos difíceis, a ponto de mudar a velocidade da passagem do tempo, esse “Senhor tão bonito quanto a cara do meu filho”, como diz Caetano Veloso, na música “Oração ao Tempo” (VELOSO, 1979).

Outra questão que fica evidente nas entrevistas é que, além do prazer, do elemento terapêutico do artesanato, ele também tem relevo na economia doméstica, na medida em que muitos dos entrevistados vendem seus trabalhos; até mesmo o ato de presentear com algo com um trabalho próprio, original, que não foi comprado, além do prazer de presentear, também é fator de contribuição para a economia doméstica.

Muitas outras questões podem ser abordadas com base nessa pequena entrevista e poderiam ser mais bem aprofundadas, mas tal aprofundamento fugiria um pouco do tema desse trabalho e o tornaria demasiado extenso, por isso nos valem da tese de doutorado de Gerusa Silva de Oliveira Vieira, que aborda com a profundidade necessária alguns temas que foram percebidos nas entrevistas, tais como as questões do prazer e terapêutica:

Considera-se que o trabalho com o artesanato proporciona bem estar emocional. É apontado como um tipo de terapia para os problemas humanos como, por exemplo, a depressão. (VIEIRA, 2014, p. 88).

Gerusa, que desenvolveu sua tese também com base em entrevistas com artesãos, comenta que, de acordo com os depoimentos dos entrevistados, a questão da liberdade e autonomia são também elementos que contribuem para esse bem estar que o artesanato proporciona:

[...] conforme diversas declarações de trabalhadores (as) entrevistados (as), o bem-estar laboral em não estar submisso a chefes e não precisar seguir horários; o equilíbrio emocional, no caso de artesãos que trabalham em outras funções de trabalho que exigiam rotinas e plantões; o desenvolvimento da autonomia laboral, podendo fazer seus próprios horários, determinar suas regras de trabalho [...]; ajuda a limpar a mente e ao mesmo tempo pensar para produzir a obra visada, exigindo do seu ser paciência e reflexão ou até mesmo como um trabalho que possibilitasse mais descanso físico. (VIEIRA, 2014, p. 88).

Outra questão abordada por Vieira (2014, p. 89), é de que a pesquisa permitiu perceber o artesanato, além da dimensão relacionada à saúde, também como um trabalho que participa do orçamento do artesão em níveis diferenciados, revelando outras formas de trabalho produtivo, que se faz como algo prazeroso de fazer e proporciona uma autorrealização no trabalho.

Essa questão da autorrealização foi muito perceptível em nossa entrevista, principalmente quando os artesãos responderam a questão de se considerarem ou não artistas. Mesmo que alguns tenham respondido à questão negativamente, todos foram unânimes em afirmar o prazer e o bem-estar que o ofício proporciona e do quão orgulhosos de seus trabalhos se sentem.

A questão de ser ou não artista teve abordagens bem distintas entre os entrevistados. Nenhum deles, como de resto nenhum cliente de nossa loja, têm uma vivência ou relação acadêmica com a arte. São pessoas que gostam de fazer artesanato, pelos motivos já expostos: *hobby*, terapia ou como gerador de renda suplementar, já que nenhum deles vive exclusivamente desse ofício.

Mas a intenção era justamente essa: saber o conceito subjetivo e espontâneo de cada um; saber o que o artesanato representa em suas vidas e como eles se enxergam nesse contexto.

Assim, as respostas se baseiam desde questões de autoestima, como é o caso de Lurdes, até conceitos que enxergam como artista aquele que se dedica ao ofício em tempo integral, vivem para isso, como podemos ver na fala de Alessandra.

Lurdes, mesmo não se vendo como artista, admite que deveria fazê-lo, pois seus trabalhos são feitos “com muito amor e dedicação”, o que nos parecem elementos importantes na questão do “fazer arte”: a entrega, a dedicação e o amor ao fazê-lo.

Já Berenice parece ter uma visão estereotipada do que é ser artista, pois para ela “artistas estão em museus e têm suas obras expostas”, o que também remete à questão da autoestima, como se a arte precisasse de uma validação, ser exposta e validada em ambientes específicos.

Por sua vez, Dilma entende que a arte como originalidade, como “coisas novas”, e considera seu trabalho “não artístico” porque são cópias de outros trabalhos.

Na visão de Ademir, artista é aquele que se dedica integralmente a esse fazer, mas acrescenta, em contraponto, que “o crochê é uma arte feita com as mãos e que

necessita uma habilidade para tal”. Entende ele que o aperfeiçoamento da técnica ao longo do tempo faz com que as pessoas se tornem artistas.

No grupo dos que “se acham artistas”, minha mãe, Beatriz elenca o “gostar de fazer” e o talento, o “levar jeito para a coisa”. Também ressalta a questão do aperfeiçoamento, do estudo, da dedicação, além do orgulho de criar suas próprias peças e do prazer de transmitir seus saberes a outras pessoas.

Na mesma linha, e militando no lado positivo da autoestima, digamos assim, minha tia e madrinha Cláudia não só tem orgulho de seu trabalho bonito e caprichado, como se deleita com suas obras: “fico admirando por bastante tempo antes de entregar para as clientes”.

Sara também ressalta a questão da criação original e da dedicação para se considerar uma artista, relatando que todas criações são dela e que estudou muito para chegar ao nível em que se encontra hoje.

Milene, por sua vez, embora em seu trabalho estejam incluídas todas as abordagens acima, tais como talento, dedicação, fazer bem feito, traz uma visão que afasta até a questão colocada por Dilma, de que não se considera artista por copiar o trabalho de outros artesãos. Para Milene, isso é irrelevante. O que importa é o fazer, o trazer à realidade uma obra a partir de “um simples tecido”. Não importa se é cópia ou se é bonito: é a transformação de elementos pueris em algo mais elaborado e agradável que faz da pessoa uma artista. Tal visão tem muito (ou tudo) a ver com o fazer especial que abordamos nesse trabalho.

Em seu conceito de “artista”, Milene ainda nos traz uma visão poética e tocante desse conceito, com a qual encerramos esse trabalho:

Assim como ser mãe, amiga, ou em qualquer outra situação que precise pensar e executar, você tem que ser uma artista; uma hora ou outra todos somos artistas.

CONCLUSÃO

Elaborar a conclusão de um trabalho, depois de ter passado por todo processo de pesquisa e elaboração, é como se despedir de uma pessoa que fomos conhecendo ao longo do tempo, com a qual fomos nos envolvendo, descobrindo coisas sobre sua vida, conhecendo aos poucos suas particularidades, suas dificuldades e sua verdadeira natureza. Nesse processo, como em todas as relações, houve muitas alegrias, muitas brigas, muitos momentos de desânimo, muitas descobertas e muito café.

Mas, de repente, aquele amigo que conosco conviveu dia após dia, e a quem nos apegamos, que começou a fazer parte de nossa vida, como se desde sempre tivesse sido assim, despede-se para nunca mais voltar. E o que traz de alegria a conclusão de um trabalho, traz também, na mesma medida, a tristeza da despedida.

Durante esse breve ou longo tempo, esse amigo me ensinou muitas coisas. Aprendi com ele todo o processo histórico que culmina, ainda hoje, com o preconceito contra o artesanato, que ainda é visto como “arte menor”. Aprendi como a noção do que seja cultura ainda carrega em si uma visão elitista e preconceituosa, que se traduz em conceitos subjetivos de “bom gosto”. Aprendi que a arte pode estar em qualquer lugar, não só sob a luz dos holofotes de uma galeria de arte, mas também no simples, no banal, na luz do lampião de alguma casa situada “na rua dos bobos, número zero”.

Conforme cita BONETTI (2011, p. 28), a partir da percepção de que não existem limites para o ser humano expressar sua visão de mundo, essas diferenciações entre arte e artesanato se enfumacam:

Para Frota (2005) apud Motta (et al, 2008), a ideia de que não existe fronteira para o ser humano representar sua visão de mundo valida o argumento sobre a fragilidade da diferenciação entre cultura erudita e popular, entre a arte e o artesanato. Sendo assim, [...] em função de características comuns, pode-se dizer que o artesanato tem suas raízes na arte primitiva, comungando nas mesmas fontes de inspiração.

Também aprendi com ele a ter um olhar um pouco mais além dos clientes que vem à minha loja. Que quando eles atravessam a porta trazem consigo toda uma bagagem nas costas, na qual estão misturadas suas alegrias, suas dores, suas conquistas e suas frustrações.

Por fim, aprendi uma importância no artesanato que vai muito além do simples criar algo para deleite. Ele pode representar desde um simples hobby até como renda complementar e, em muitos casos, como única renda. Ele pode ser busca, mas também pode ser fuga. Ele pode ser decoração, das casas, das ruas, e também ativismo e protesto. Ele pode ser qualquer coisa e, mesmo que seja cópia, ele sempre traz em si, pelo simples ato de fazer, algo de criação, de transformação. E por isso é arte.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Franklin. **Existe beleza universal?**. Mundo Interpessoal, nov. 2019. Disponível em: <https://mundointerpessoal.com/2019/11/existe-beleza-universal.html>. Acesso em: 10 mai. 2020.

AMSTEL, Frederick. **A estética do cotidiano**. Disponível em: <https://imasters.com.br/design-ux/a-estetica-do-cotidiano>. Acesso em: 2 out. 2020.

BOMDÍA, Jorge Larraso. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, nº 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003. Acesso em: 10 mai. 2020.

BONETTI, Daiani. **A Produção Artística a partir do Artesanato**: um olhar sobre as fronteiras entre a arte e o artesanato. 2011. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

CHAUÍ, Marilena. **Pensando bem a arte e a cultura**. Pensando bem – Núcleo de Pesquisa em Filosofia e Educação, UFJF, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/pensandobem/files/2012/02/texto-IV-20121.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020.

CROCHÊ. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Croch%C3%AA&oldid=57768152>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FRAGA, Ronaldo. Brasileiro acha que artesanato é coisa de pobre, diz Ronaldo Fraga. [Entrevista concedida a] Néli Pereira. **BBC Brasil**, São Paulo, abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43887667>. Acesso em: 10 mai. 2020.

FRANÇA, Cássia Michellyne Silva de. **Bonecas de pano tradicionais no Rio Grande do Norte**: contexto e obras. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2088?mode=full>. Acesso em: 10 mai. 2020.

FREITAS, Verlaïne. Gosto em arte é individual, mas também tem um lado objetivo, afirma professor da Filosofia. [Entrevista concedida a] Itamar Rigueira Jr. **Notícias da Universidade Federal de Minas Gerais**, Minas Gerais, set. 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/029710.shtml>. Acesso em: 10 mai. 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 2 Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HANNUN, Aline. **A origem da Seda pura e da pintura em tecido**. Disponível em: <https://alinehannun.blogspot.com/2014/06/a-origem-da-seda-pura-e-da-pintura-em.html>. Acesso em: 10 mai. 2020.

NEVES, Libéria Rodrigues; LEMES, Bianca Xavier; CAMPOS, Nathália Elisa Bruno de. ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: A formação e a atuação dos Arte-educadores. **Revista Scias - Educação, Comunicação e Tecnologia**, v. 02, n. 02, 2014. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/SCIAS/article/view/473>. Acesso em: 05 mai. 2020.

O que é feltro. Artesanato. **Culturamix**. Disponível em: <https://artesanato.culturamix.com/tecido/feltro/o-que-e-feltro>. Acesso em: 10 mai. 2020.

PRAXEDES, Walter. **Eurocentrismo e racismo nos clássicos da filosofia e das ciências sociais**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/Walter_Praxedes.pdf. Acesso em: 10 mai. 2020.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

SALAZAR, Manuela de Mattos. **As Fotografias de Natureza Morta do Séc. XIX e a Estética do Cotidiano**. Perspectivas Filosóficas. Vol. 44, n. 1, 2017. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/230355>. Acesso em: 10 mai. 2020.

TRICÔ. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Tric%C3%B4&oldid=56603079>. Acesso em: 19 mar. 2020.

VELOSO, Caetano. **Oração ao tempo**. São Paulo: Universal Music Internacional Ltda, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HQap2iglhxA>. Acesso em: 10 mai. 2020.

_____. **Sampa**. São Paulo: Universal Music Internacional Ltda, 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qeDqXLkXvr4>. Acesso em: 10 mai. 2020.

VIEIRA, Geruza Silva de Oliveira. **Artesanato**: identidade e trabalho. 2014. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4583/5/Tese%20-%20Geruza%20Silva%20de%20Oliveira%20Vieira%20-%202014.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020.

APÊNDICE

(As fotos dos termos de consentimento foram ocultadas por conterem dados pessoais).

Termo de consentimento de Ademir Longaray Garcia

Termo de consentimento de Alessandra Franco Bassan

Termo de consentimento de Beatriz Dias da Rocha

Termo de consentimento de Berenice Machado Trindade

Termo de consentimento de Cláudia Dias da Rocha Hanauer

Termo de consentimento de Dilma Tulikowski Xavier

Termo de consentimento de Eni Terezinha da Silva Menezes

Termo de consentimento de Liege Malaquias dos Santos

Termo de consentimento de Maria de Lurdes P. Ávila

Termo de consentimento de Milene Franco

Termo de consentimento de Sara Anahi Conneno